

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2



Edwaldo Costa
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T255 Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil 2 /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-493-1

DOI 10.22533/at.ed.931202610

1. Tecnologia. 2. Estética. 3. Comunicação. I. Costa,
Edwaldo (Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A constante inovação tecnológica tem produzido o ininterrupto avanço da estética comunicacional. Tal fato induz a reflexão sobre como uma age sobre a outra, como se interligam e como evoluem em conjunto.

Novos pensadores se debruçam sobre os inúmeros aspectos de técnicas que conectam à informação e à comunicação, refletindo sobre o aprimoramento, as vantagens e desvantagens decorrentes desta implexa e vasta gama de dados.

Essas reflexões podem ser encontradas na coleção Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil, que chega ao seu segundo volume.

Desta feita, são dezenove artigos, que abordam temas como a descaracterização da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) durante a gestão do presidente Michel Temer, a (Des)Informação na imprensa brasileira, até os memes, como ressignificação de discursos até então dominantes.

O marketing eleitoral, a partir da revolucionária campanha de Barak Obama à Presidência dos Estados Unidos, e o ensino da construção de documentários, são outros aspectos da comunicação social que são ofertados neste volume juntamente como temas que envolvem a engenharia didática da comunicação, narrativas jornalísticas, estéticas, linguagem simbólica, mídias, práticas socioculturais, migrantes venezuelanos, signos, estereótipos, cibercultura, tecnologias da informação, discursos ideológicos, transmídia, empoderamento, gênero entre outros.

Ampliar a noção de tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil nos permite, também, conhecer e questionar novas fronteiras entre determinados conceitos tais, já que, nas práticas e teorias emergem o tempo todo. É a partir destas inquietações que buscamos compartilhar novas descobertas teóricas e práticas.

Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESCARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO – EBC COM O FIM DO CONSELHO CURADOR	
Luciene Pazinato da Silva Vera Michalany Chaia	
DOI 10.22533/at.ed.9312026101	
CAPÍTULO 2	18
A DONZELA ESTEREOTIPADA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO GRUPO <i>IRON MAIDEN</i> NOS PORTAIS G1 E R7	
Fábio Cruz Estevan Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.9312026102	
CAPÍTULO 3	32
A ENGENHARIA DIDÁTICA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL: APRESENTAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PARA O ENSINO DO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL	
Gisele Maria Souza Barachati Thiago Vasquez Molina	
DOI 10.22533/at.ed.9312026103	
CAPÍTULO 4	47
XENOFOBIA CONTRA MIGRANTES E REFUGIADOS VENEZUELANOS ESTIMULADA PELA DESINFORMAÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL	
Edwaldo Costa Nilson Lage Suélen Keiko Hara Takahama	
DOI 10.22533/at.ed.9312026104	
CAPÍTULO 5	59
A NARRATIVA DO EU NO JORNALISMO DE CELEBRIDADES	
Rogério Pereira Borges Maria Ritha Ferreira da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.9312026105	
CAPÍTULO 6	75
ANGELUS NOVUS: CÉU SOBRE BERLIN - ERFARHRUNG X ERLEBNIS	
Ricardo Tsutomu Matsuzawa	
DOI 10.22533/at.ed.9312026106	
CAPÍTULO 7	87
AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DAS CULTURAS POULARES: UM PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO OU DE ALIENAÇÃO?	
Fabiana Nogueira Chaves Maurício Pimentel Homem de Bittencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9312026107	

CAPÍTULO 8.....	96
BEM-VINDO AO CLUBE: ANÁLISE DO POTENCIAL IDEOLÓGICO NO DISCURSO HARDCORE	
Samanta Cardoso Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9312026108	
CAPÍTULO 9.....	116
CIBERCULTURA, AUTOMAÇÃO E BIG DATA: A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A COMUNICAÇÃO E A SOCIEDADE	
Wallace Chermont Baldo	
DOI 10.22533/at.ed.9312026109	
CAPÍTULO 10.....	129
EMPODERAMENTO FEMININO: A MULHER NOS HQ'S CONTEMPORÂNEOS E OS MOVIMENTOS DE FÃS CONTRA A SEXUALIZAÇÃO DAS HEROÍNAS	
Fernanda Rodrigues de Menezes	
Ana Paula Bragaglia	
DOI 10.22533/at.ed.93120261010	
CAPÍTULO 11.....	142
DO RÁDIO À TRANSMÍDIA: A RELAÇÃO ENTRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO GÊNERO SERTANEJO	
Rone Fabio Carvalho Junior	
Maria Sueli Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93120261011	
CAPÍTULO 12.....	157
JOGO DIGITAL E CIBERCULTURA. A COMUNICAÇÃO UBÍQUA DOS JOGADORES DE <i>INGRESS</i>	
Guaracy Carlos da Silveira	
Marcus Nudelman Trugilho	
DOI 10.22533/at.ed.93120261012	
CAPÍTULO 13.....	175
MEMES E CONTRACULTURA: A RECONFIGURAÇÃO DE NARRATIVAS HEGEMÔNICAS NA SEMIOSFERA	
Tássia Aguiar de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93120261013	
CAPÍTULO 14.....	186
O BARÁ BARÁ DA ALTA CULTURA, O BERÊ BERÊ DA BAIXA CULTURA COBERTURA DO GRUPO GLOBO SOBRE A MORTE DE CRISTIANO ARAÚJO	
Taissa Maia	
Yke Leon	
DOI 10.22533/at.ed.93120261014	

CAPÍTULO 15.....	200
OS MEMES DE INTERNET E O DEBATE SOBRE O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO DIAGRAMA DE LAWRENCE GROSSBERG Thiago de Assumpção Fernandes Barbosa DOI 10.22533/at.ed.93120261015	
CAPÍTULO 16.....	214
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA PUBLICIDADE DE BRINQUEDO PARA O DIA DAS CRIANÇAS Patrícia Oliveira de Freitas DOI 10.22533/at.ed.93120261016	
CAPÍTULO 17.....	227
YES WE CAN: COMO BARACK OBAMA REVOLUCIONOU SUA CAMPANHA ATRAVÉS DO MARKETING ELEITORAL ONLINE Yara Therezinha de Almeida Lozano Eliane Ribeiro Costa DOI 10.22533/at.ed.93120261017	
CAPÍTULO 18.....	235
DRIBLANDO O PADRÃO FIFA: O PROTESTO DO GRUPO PUSSY RIOT NA FINAL DA COPA DO MUNDO 2018 NO INSTAGRAM STORIES Lucas Rocha DOI 10.22533/at.ed.93120261018	
CAPÍTULO 19.....	247
ALGUNS USOS DAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO POR MIGRANTES E REFUGIADOS EM CURITIBA, BRASIL Álvaro Maximiliano Pino Coviello Elisabetta Gola DOI 10.22533/at.ed.93120261019	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	259
ÍNDICE REMISSIVO.....	260

BEM-VINDO AO CLUBE: ANÁLISE DO POTENCIAL IDEOLÓGICO NO DISCURSO HARDCORE

Data de aceite: 01/10/2020

Samanta Cardoso Martins

<http://lattes.cnpq.br/0066402347171744>

RESUMO: O cenário musical brasileiro é mundialmente conhecido e reconhecido, tendo sido tema de filmes, livros, documentários e produções acadêmicas. No entanto, a despeito de já existir uma produção significativa de estudos sobre os movimentos musicais ligados ao rock, há poucas produções que tratam do gênero hardcore. Diante disso, neste trabalho, estabelecendo um diálogo crítico com questões que dizem respeito ao campo de estudos sobre comunicação, cultura e música, abordo os discursos enunciados nas letras das canções de uma banda brasileira associada ao referido gênero, o Dead Fish. Mais especificamente, busco responder à seguinte questão: em que medida e como esses discursos contribuem para estabelecer, sustentar ou, inversamente, transformar as relações de dominação? Para responder a essa questão, apoio-me na teoria social crítica de John B. Thompson – especialmente nos seus conceitos de ideologia e dominação – e na sua proposta metodológica: a hermenêutica de profundidade. Esta é dividida em três fases: análise socio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação e reinterpretação. Ao analisar e reinterpretar os discursos em questão, argumento que há potencial crítico-ideológico no que refere-se ao modo com que as canções são estruturadas, porém esse mesmo

discurso torna-se potencialmente ideológico quando contextualizado no cenário da música underground.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura; Música; Ideologia; Análise do discurso.

ABSTRACT: The Brazilian musical scene is world renowned and recognized, having been the subject of films, books, documentaries and academic productions. However, despite the fact that there is already a significant production of studies on rock music movements, there are few productions that deal with the hardcore genre. Therefore, in this work, establishing a critical dialogue with issues that relate to the field of studies on communication, culture and music, I approach the discourses enunciated in the lyrics of the songs of a Brazilian band associated with this genre, Dead Fish. More specifically, I try to answer the following question: to what extent and how do these discourses contribute to establishing, sustaining or, conversely, transforming relations of domination? To answer this question, I rely on John B. Thompson's critical social theory - especially his concepts of ideology and domination - and his methodological proposal: depth hermeneutics. It is divided into three phases: socio-historical analysis, formal or discursive analysis, and interpretation and reinterpretation. In analyzing and reinterpreting the discourses in question, I argue that there is critical-ideological potential as to how the songs are structured, but this same discourse becomes potentially ideological when contextualized in the underground music scene.

KEYWORDS: Communication; Culture; Music;

1 | INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se na linha de pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais da Universidade de Sorocaba e estabelece, por meio de interpretação do potencial ideológico de letras de *hardcore*, um diálogo crítico com o campo de estudos sobre comunicação, cultura e música. Ao estabelecer esse diálogo, busquei responder à seguinte questão: *em que medida e como os discursos veiculados em canções da banda brasileira Dead Fish contribuem para estabelecer, sustentar ou, inversamente, transformar relações de dominação?*

No Brasil, estudos sobre música e comunicação são bastante recentes. Há mais ou menos quinze anos, grupos de pesquisa tentam conquistar espaço nos principais congressos de Comunicação e programas de pós-graduação e obter reconhecimento institucional. O grupo de pesquisa *Comunicação, Música e Entretenimento*, por exemplo, foi criado na Intercom¹ em 2012, com o objetivo de oferecer alternativas mais dinâmicas, não engessadas, para os trabalhos elaborados por pesquisadores de comunicação, música/som e entretenimento. No artigo *Consolidação dos Estudos de Música, Som e Entretenimento no Brasil*² observa que mesmo a música sendo amplamente entendida como uma forma de expressão – quase sempre apenas identificada na sua dimensão artística ou mercadológica –, sua dimensão comunicativa efetiva, por muito tempo passou despercebida. A fim de preencher essa lacuna, existem hoje alguns grupos consolidados no cenário da Comunicação, tais como: o Laboratório de Pesquisa em Culturas Urbanas e Tecnologias da Comunicação (LabCult), vinculado ao PPGCOM da UFF e coordenado por Simone Pereira de Sá e Felipe Trotta; o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM), vinculado ao PPGCOM da UFRJ e coordenado por Micael Herschmann; o Laboratório de Análise de Música e Audiovisual (LAMA), vinculado ao PPGCOM da UFPE e coordenado por Jeder Janotti Junior e Thiago Soares; e o Grupo de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (CULTPOP), vinculado ao PPGCOM da UNISINOS e coordenado por Adriana Amaral e Fabricio Silveira.

Entre algumas razões para a consolidação desses estudos, podemos destacar as pesquisas relacionadas à mídia massiva. A expressão “música popular

1 Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, fundada em 1977. A entidade estimula o desenvolvimento de produção científica não apenas entre mestres e doutores, mas também entre alunos e recém-graduados em Comunicação, oferecendo prêmios como forma de reconhecimento aos que se destacam nos eventos promovidos pela entidade.

2 HERSCHMANN, Micael; Sá, Simone; TROTTA, Felipe; Janotti Jr., Jeder. **Consolidação dos Estudos de Música, Som e Entretenimento no Brasil** In: MORAES, Osvando (org.) *Ciências da Comunicação em Processo*. São Paulo: Ed. Intercom, 2014, v.1.

massiva” está relacionada diretamente ao processo de produção, circulação e consumo dessas músicas através da indústria fonográfica, sendo assim, todas as estratégias relacionadas questões dos processos de produção, circulação e consumo dessa música pautam-se na segmentação do público: *mainstream* e *underground*. O *mainstream* é compreendido como o gênero relacionado ao consumo de massa, como trilhas sonoras, videoclipe e cinema, a circulação desse estilo não é segmentada.

Essa característica do *underground* segmenta o público, coloca-o como “obra autêntica”, que não está a favor do modelo pré-estabelecido de produção que ocorre, por exemplo na música massiva. Dentre outros estudos sobre comunicação e cultura, destaco, primeiramente, a dissertação de mestrado de José Geraldo da Silva Junior (2014) “Quadros do reconhecimento: a comunicação política do movimento hip-hop de Curitiba”, uma vez que se aproxima de meu objetivo de pesquisa, buscando relacionar questões de cunho social e político com a música. Entre outras coisas, o autor argumenta que a participação ativa dos meios de comunicação na cultura hip-hop, ajudou a criar o quadro de reconhecimento desse estilo. Uma das estratégias para o enquadramento do “reconhecimento social” foi a utilização de atores e adeptos ao movimento.

Já o livro *Cultura Rock e Arte de Massa*, de Antônio Marcus Alves (1994), busca problematizar alguns aspectos da cultura rock no Brasil, através da análise da trajetória de três bandas de rock, incluindo o estudo das letras de canções dessas bandas. Entre outras coisas, o autor sustenta que existem três eixos de emissão de informação e ao mesmo tempo de construção de sentido na cultura rock; o discurso do roqueiro, da mídia e das músicas. O autor não descarta também as influências da indústria cultural na análise desses discursos.

Outros estudos, como o artigo “Do punk ao hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil”, produzido por Roberto Camargo de Oliveira (2009), e o artigo “Cultura e vida social: um olhar sobre a produção musical *rap* e *hardcore* no Brasil contemporâneo”, desse mesmo autor, fornecem embasamento teórico sobre o surgimento do movimento *hardcore*. Entre outras coisas, o autor indica que o modelo consolidado nos anos de 1990, deu margem a manifestações de música política que expressam experiências de dominação e resistência, período esse em que a banda Dead Fish foi fundada.

Uma vez apresentados alguns dos estudos sobre comunicação, cultura e música que mais se aproximam deste e seus resultados, cabe justificar a escolha da banda Dead Fish. Esta deve-se ao fato de ser uma banda com grande presença no cenário do *hardcore* nacional brasileiro, e mesmo sendo parte do circuito dito *underground* já esteve vinculada a uma gravadora comercial. O segundo motivo se dá pelo fato de ser uma banda capixaba, de Vitória/ES, e estar, portanto, fora do eixo

Rio de Janeiro/São Paulo/Brasília – grande gerador de bandas. Após levantamento bibliográfico, deparei-me com diversas pesquisas trazendo o rock como tema central, discutindo sobre a relevância na comunicação e para a história. A partir da leitura desses materiais, pude notar que as discussões sobre as referências musicais eram sempre de bandas oriundas do estado de São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília, onde se encontra o chamado “Rock BR”. De forma geral, tais trabalhos contribuíram para esta pesquisa trazendo opções de formas de análise e contextos históricos, além de indicarem a necessidade de se estudar bandas de regiões onde o rock não é tema central, como no caso da cidade de Vitória/ES.

Por sua vez, a opção metodológica por analisar letras de música deve-se, fundamentalmente, ao fato de haver apenas um pequeno número de pesquisas que se propõem a se debruçar sobre esse tipo de material – sobretudo sobre letras de bandas do circuito *underground*. A fim de realizar uma análise crítica desse material, adoto o conceito de ideologia proposto por John B. Thompson (2000), que será apresentado no primeiro capítulo. Capítulo que, mais exatamente, irá apresentar o processo histórico do conceito de ideologia e de que forma Thompson (2000) desenvolve, a partir disso, sua própria concepção. Ao propor este novo conceito de ideologia, o autor é muito claro em defini-lo como o “sentido a serviço da dominação”. Segundo Lopes (2008, p. 3 esta concepção de ideologia é particularmente interessante pelas seguintes razões. Primeira: rechaça a ideia de que toda ideologia seja intrinsecamente ilusória – colocando seu caráter enganador apenas como uma possibilidade contingente. Segunda: interessa-se não somente pelas maneiras como o discurso mantém relações de dominação de classe, mas, também, como conserva relações de dominação de raça, idade, gênero etc. Terceira: evita uma tendência, prevalente na literatura: de pensar a ideologia como uma característica ou atributo intrínseco de certas formas simbólicas ou sistemas simbólicos, tais como o conservadorismo, o comunismo, o liberalismo etc. Mais ainda, um discurso pode ser ideológico num contexto e contestador em outro. Afinal, seu caráter ideológico vai depender de como é apropriado, (res)significado e utilizado em circunstâncias concretas da vida cotidiana.

2 I REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Percurso histórico do conceito de ideologia

O conceito de ideologia foi, ao longo dos séculos, estudado por vários autores e assim compreendido de formas distintas. Como mostra Thompson (2000), o termo foi utilizado pela primeira vez em torno de 1796 pelo filósofo Destutt Tracy, para se referir a uma ciência das ideias. A ideologia, neste momento, seria a primeira das

ciências, pois a partir dela é que se poderia compreender o mundo e seria a base para que outras disciplinas pudessem ser explicadas.

Pouco tempo depois, em torno de 1799, Napoleão Bonaparte – por motivos estratégicos políticos – ridicularizou o termo ideologia e passou a utilizá-lo de forma negativa. Napoleão passou, então, a conceber a ideologia como uma disciplina que produz conhecimento falso, apenas com base em especulações, de forma que todo pensamento político ou religioso fosse compreendido como ideológico e, conseqüentemente, taxado de falso e sem fundamentos.

Quase meio século depois, Marx propõe basicamente três concepções de ideologia. A primeira concepção é denominada por Thompson (2000) de polêmica, pois essa concepção posiciona a ideologia como uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias, como se elas fossem autônomas. A ideologia, nesse sentido, refere-se a ideias que não conseguem compreender as condições socio-históricas que lhes deram origem.

A segunda concepção de Marx é denominada por Thompson (2000) de epifenomênica. Nesta, a “ideologia é um sistema de ideias que expressa os interesses da classe dominante, mas que representa relações de classe de uma forma ilusória”. Por sua vez, a terceira é denominada de concepção latente. Aqui,

[...] ideologia é um sistema de representações que servem para sustentar relações existentes de dominação de classes através da orientação das pessoas par ao passado ao invés de para o futuro, ou para imagens e ideais que escondem as relações de classe e desviam a busca coletiva de mudança social. (THOMPSON, 2000, p. 54)

Em torno de 1920, as concepções de Marx e a abordagem negativa que o termo ideologia carregava passaram a ser neutralizados e discutidos por meio de outras ópticas pelos trabalhos de Lenin, Lukács e Mannheim. Para Lenin e Lukács, a ideologia é uma arma de mudança social, um sistema de ideia de classes (THOMPSON, 2000).

Todo esse relato histórico que Thompson (2000) apresenta influencia a sua formulação do conceito de ideologia. Sobre os pensamentos de Marx, são feitas algumas críticas; a ideologia não opera necessariamente pela dissimulação iludindo pessoas; a ideologia não está a serviço apenas da classe social dominante, mas de qualquer grupo dominante, ou seja, se relaciona com outros eixos de desigualdade e exploração além do econômico; e que a ideologia é constitutiva da realidade. Sobre os estudos de Mannheim, a crítica é sobre o enfoque unilateral que é feito para criticar o pensamento do opositor; e esquecer-se de aplicar esse mesmo enfoque ao seu próprio pensamento. Thompson vai trabalhar esse assunto quando discute a questão do campo-objeto e sujeito-objeto.

Referente ao enfoque proposto por Mannheim, Thompson (2000) relata que:

Os problemas epistemológicos levantados pelo enfoque de Mannheim são os que podem ser descritos como os problemas epistemológicos do historicismo radical. Se todo conhecimento, incluindo o conhecimento produzido pela sociologia do conhecimento, é situado social e historicamente e somente é inteligível em relação a essa situação, então como negar a conclusão de que todo conhecimento é completamente relativo à posição sócio histórica do que conhece? (THOMPSON, 2000, p. 66)

Mas a maior crítica sobre os estudos de Mannheim é que, nessa concepção restrita de ideologia, fica esquecido o fenômeno da dominação, que é a discussão central de Thompson (2000). No entanto, apesar das críticas o autor ressalta que sua concepção de ideologia não pretende apagar os conceitos apresentados acima nem sintetizá-los, mas oferecer uma contribuição à história do termo.

2.2 Conceito de ideologia de Thompson

Thompson define ideologia como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, que serve para sustentar e estabelecer relações de dominação. Esclarece ele:

[...] estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 2000, p. 79).

Vale ressaltar que “poder” e “dominação” têm conotações distintas. Poder está relacionado com a capacidade, conferida institucionalmente a um determinado grupo, de intervir no rumo dos acontecimentos e em suas consequências.

Por sua vez, o conceito de dominação trata especificadamente de relações de poder sistematicamente assimétricas, quando grupos de agentes possuem poder de uma maneira permanente e em grau significativo. Segundo esse ponto de vista, ideologia serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. O objetivo dos estudos acerca da ideologia é compreender de que maneira as formas simbólicas, podem estar associadas a modos de operação da ideologia em contextos concretos (THOMPSON, 2000).

Thompson (2000) enfoca o fato de que é crucial pontuar que fenômenos simbólicos, ou certos fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação. Desta forma, o autor descreve que as formas simbólicas não podem ser ditas como ideológicas ou não sem que seja compreendido seu caráter socio-histórico.

Abaixo, podemos visualizar as cinco principais formas de operação da ideologia, deixando claro que o autor, ao fazer essa separação, não quer limitar

os modos como a única maneira pela qual a ideologia opera, ou que eles operam independentemente uns dos outros. Ao contrário, esses modos de operação podem se reforçar mutuamente. Vale ressaltar também que, para sabermos se determinada forma simbólica é ideológica ou não, temos de saber como ela foi simbolicamente construída por meio destas estratégias.

Modos Gerais	Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativação
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo
Unificação	Estandarização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/passivização

QUADRO 1: Modos de Operação da Ideologia

FONTE: baseado em Thompson, 2000, p. 81.

2.3 Hermenêutica de profundidade - HP

Nesta seção, o objetivo é apresentar a HP como metodologia de pesquisa, bem como detalhar de que forma irei trabalhar em cada etapa dessa metodologia. Segundo Thompson (2000), todas as formas simbólicas estão situadas de forma temporal e local. Logo, deve-se compreender os fatores externos ao discurso: quem diz, quando diz, como diz, onde diz e com qual objetivo:

A análise cultural pode ser elaborada como o estudo das formas simbólicas em relação aos contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e através dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas – resumidamente é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas. (THOMPSON, 2000, p. 363)

Desta forma, o autor, ao propor a HP como metodologia de pesquisa, busca mostrar que os estudos culturais exigem a contextualização e levantamento socio-histórico no qual a forma simbólica está empregada, a HP oferece os caminhos metodológicos para que essa contextualização seja feita de forma organizada e completa. A HP organiza a análise da forma simbólica em três etapas: Análise socio-

histórica, Análise Formal ou Discursiva e Interpretação/Reinterpretação. Na figura 1, podemos visualizar de que forma essa separação e desdobramentos são possíveis:

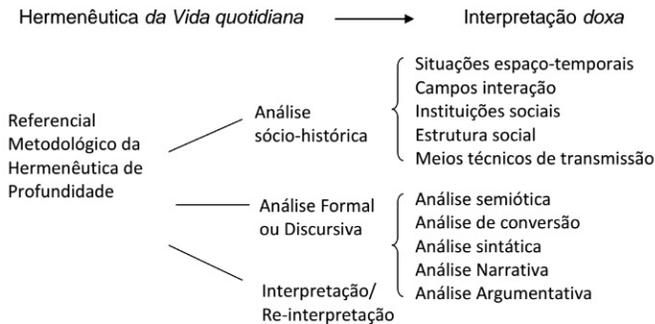


FIGURA 1: Hermenêutica de Profundidade

FONTE: Thompson, 2000, p. 365.

A primeira etapa do processo compreende as formas simbólicas, influenciadas pelas suas condições de produção, circulação e recepção. A análise sócio-histórica serve justamente para reconstruir essas condições. Sobre isso, Thompson (2000) expressa que as formas simbólicas não subsistem num vácuo, ou seja, elas não podem ser produzidas, transmitidas e recebidas em paralelo ao contexto social e histórico do momento.

Diante disso, a análise sócio-histórica deve levar em consideração a descrição das situações espaço-temporais e os campos de interação, nos quais as formas simbólicas estão inseridas. Importante salientar que “campo” não se refere a um espaço geograficamente delimitado, mas sim, ao meio onde ocorre interação:

Na consecução de cursos de ação dentro de campos de interação, as pessoas empregam vários tipo e quantidades de recursos ou “capital” disponível e elas, assim como uma variedade de regras, convenções e “esquemas” flexíveis. Esses esquemas não são regras muito explícitas e claramente formuladas, mas estratégias implícitas e tácitas. Elas existem na forma de conhecimento prático, gradualmente inculcado e continuamente reproduzido nas atividades comuns da vida cotidiana. (THOMPSON, 2000, p. 367)

Vale ressaltar, também, que o enfoque da HP não só considera como ponto de estudo o campo-objetivo, mas também considera o campo-sujeito, isto quer dizer que o pesquisador faz parte da pesquisa, bem como está o tempo todo interpretando e reinterpretando dados que estão ao seu redor. Este é um ponto que diferencia pesquisas nas ciências sociais e ciências naturais: nós, como pesquisadores,

construímos pesquisas sobre um campo pré-interpretado. Por isso, dentro do contexto socio-histórico, compreender quem é o sujeito responsável pela ação é importante para contextualizar o discurso.

Assim, nesta pesquisa, é necessário compreender em qual cenário o rock nacional, mais especificadamente o *hardcore*, está inserido. Analisar e compreender as questões históricas, relativas ao contexto histórico de produção das formas simbólicas estudadas, nos oferece embasamento teórico e político para analisarmos o discurso e seus possíveis direcionamentos. Desta forma, será apresentado um breve relato sobre o rock nacional brasileiro, o surgimento do movimento *Punk Rock* – e, conseqüentemente, do *hardcore* – e como o Brasil se apropria desse movimento. Também será abordada a banda Dead Fish, qual a sua história e as referências.

Em um segundo momento da análise, o objeto deixa de ser o contexto e passa a ser a própria produção simbólica. A Análise Formal ou Discursiva se interessa pela organização interna das formas simbólicas: suas características estruturais, seus padrões e suas relações. Com isso, a segunda etapa do enfoque apresentado, por meio de ferramentas sistematizadas, mostra que as produções simbólicas estão não só carregadas de seu contexto socio-histórico, mas como também dizem algo.

Irei me apoiar nos estudos de Martín Rojo (2005), para desenvolver as estratégias de análise. São as estratégias de referências/nominação e as estratégias predicativas. A estratégia de referência e nominação diz respeito, entre outras coisas, às palavras que unem e as palavras que separam, basicamente organizando a nossa percepção de mundo por meio de categorizações, sendo que cada categorização traz consigo um sentido conotativo. Quanto às estratégias predicativas, a autora categoriza entre co-aparições textuais e representações dos atores sociais através de suas ações, que são as atribuições estereotipadas por meio de adjetivos ou de ações atribuídas. Sobre a representação dos atores sociais através de suas ações:

Existem outros procedimentos linguísticos que também podem contribuir para criar uma imagem negativa ou positiva dos atores sociais: a atribuição de determinadas ações e a descrição que dela se faz. Nesse caso, foram assinaladas pelos analistas críticos tanto a seleção léxica para descrever as ações como a gestão de diferentes da agência, no momento de atribuir a responsabilidade sobre essas ações [...]. (ROJO, 2005, p. 232)

Com isso, me baseando nas duas estratégias apresentadas a cima, propus como grade de análises fazer a distinção entre os atores sociais apresentados nas canções e quais as ações que os representavam. Feito isso, pude padronizar as análises afim de submete-las aos conceitos propostos por Thompson.

O último enfoque é o movimento de Interpretação e Reinterpretação.

Compreende-se que toda produção simbólica diz algo sobre alguma coisa e que a interpretação é sempre influenciada pelo contexto socio-histórico, logo toda forma simbólica pode ser interpretada e reinterpretada em diferentes contextos. Neste sentido, Thompson (2000) fala sobre o sentido da análise ideológica, em que coloca que nenhuma forma simbólica é politicamente neutra, pois, de em última instância, está sempre relacionada com o poder.

Em segundo aspecto, a interpretação da ideologia pode implicar, como já dito, um potencial crítico, pois pode servir para a reflexão e autorreflexão sobre as relações de poderes e dominação. Thompson (2000) relata que a relação entre a interpretação ideológica e a crítica à dominação não é imediata, no sentido que a reflexão da crítica sobre as relações de poder é governada pela sua própria lógica, sua própria estrutura argumentativa.

A reflexão crítica, segundo o autor, levanta questões que exigem novos tipos de evidências e argumentações. Ela está interessada não em perguntas sobre se as interpretações estão corretas, mas se essas relações sociais são justas.

Desta forma, o último enfoque apresentado ganha fundamental importância para a análise das formas simbólicas e modos de operação da ideologia. A interpretação e a reinterpretação podem ser compreendidas de forma mais simples como movimento de síntese das informações, em que se cruzam as reflexões obtidas por meio da análise socio-histórica e da análise discursiva. Neste momento, o autor busca, através de construções criativas, encontrar novos sentidos ou responder questões acerca do problema levantado. Irei, no presente trabalho, sintetizar essas informações ao mesmo tempo em que será feita a análise do discurso. Começarei, no entanto, apresentando as informações obtidas acerca do contexto socio-histórico de produção, circulação e recepção das composições em análise.

3 | ANÁLISE DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

3.1 Cenário musical brasileiro: Rock e política

Nesta seção, procuro apresentar as origens do movimento rock no Brasil, as primeiras bandas a surgir e analisar de que forma ao longo dos anos este movimento se relacionou com as questões políticas.

O movimento rock no Brasil surgiu na metade da década de 1950 e a porta de entrada foi o cinema. Algumas produções como “The blackboard jungle” e “Rock around the clock” inspiraram o surgimento da primeira banda brasileira Rock and Roll em Copacabana, liderada pelo músico Cauby Peixoto. Conforme acrescenta Dapieve (1995, p. 13):

No final da década de 50, até o mesmo a Nacional de São Paulo

reservava um espaço para o rock'n roll e demais excentricidades: o programa "Ritmos para a juventude", apresentado por Antônio Aguillar. Outro proto-DJ, Carlos Imperial, pilotava "Clube do rock" (na Tupi) e "Os brotos comandam" (na Guanabara).

Assim como o rock iniciou sua história no Brasil nas telas do cinema, foi por meio das telenovelas que ele se consolidou. Campello, o grupo formado pelos irmãos Celly e Tony Campello, foi o grande responsável pela influência na formação de outros grupos como The Fevers, Renato & Seus Blue Caps e outros grupos que tinham em sua maioria nomes em inglês. Inicia-se neste momento a chamada segunda geração do rock brasileiro.

O movimento da Jovem Guarda, no início dos anos 1960, já trazia outra cara para o rock brasileiro, tanto na maior utilização de guitarras, quanto nas letras compostas que começavam a se aproximar da realidade brasileira, afastando-se de letras como "banho de lua". Segundo Ramos (2010, p. 40-41) As temáticas mais comuns nas letras das canções da Jovem Guarda estiveram relacionadas ao hedonismo juvenil e aos seus relacionamentos amorosos [...]. Não se delineava a predileção e nem o interesse por temas relacionados à política ou à crítica social, contudo enfatizavam-se nelas as vivências cotidianas daqueles jovens cantores. Em contrapartida, negar o caráter de contestação assumido pelos adeptos do rock traduzido pela Jovem Guarda seria aderir a uma visão ortodoxa do fato. [...] Protestavam-se não tanto através das letras, mas sim pelas formas de comportamento adotadas, em geral.

Junto ao movimento da Jovem Guarda, o Tropicalismo, por meio de festivais de música, ganhou voz e espaço na mídia. Neste período, o surgimento de canções de protestos, encabeçados pela MPB, produz letras que eram o retrato do militarismo sofrido na época. O Brasil passava por um momento complexo, em que o binarismo esquerda/direita estava acentuado. Assim, quem não era pertencente aos grupos de protestos, teoricamente estaria contra eles (DAPIEVE, 1995). O Tropicalismo, neste período, teve extrema importância, mesmo não sendo musicalmente tratado como rock, mas a postura era roqueira. Durante o final da década de 1960 e toda a década de 1970, artistas como Raul Seixas e Ney Matogrosso consolidaram suas carreiras e deram grandes contribuições para o BRock³.

Nos anos 1980, o rock brasileiro se consolidou; bandas como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Titãs traziam em suas letras e postura o retrato do momento social dos jovens nascidos nos anos 1960 e 1970.

Socialmente construída entre o silêncio e a repressão, a geração 80 foi afastada de maiores envolvimento sociais, de debates intelectuais amplos e teve o seu processo de formação cultural "depredado" pela tecnicização do ensino. Mas finalmente o "silêncio dos inocentes" foi

3 "BRock" é o termo no qual a geração de bandas de rock brasileiro nos anos 1980 ficou conhecida.

rompido pelos ecos do verão punk inglês, na segunda metade da década de 70. Mesmo que a repercussão punk no Brasil tenha sido “tardia e restrita”, como avaliou Nicolau Sevckenko, é possível afirmar que, na passagem do autoritarismo para a democracia, uma parcela importante da juventude começou a se expressar através do grito punk”. (ALVES, 1995, p. 120)

Acrescenta Antônio Marcus Alves (1995) que foi nos anos 1980 que o mercado discográfico jovem se estabeleceu; ampliou-se uma rede complementar de divulgação dessa cultura, como revistas especializadas, programas de videoclipes, entre outros. Completa o autor que o rock nesse período tomou proporções nacionais e passou a ter grande importância no cotidiano dos jovens, sendo encarado muitas vezes como fator essencial para autocompreensão e compreensão de mundo. Bandas como Legião Urbana e Titãs já traziam, em seu discurso e em sua postura nos palcos, a crítica social e política da época. Em 1992, durante um show, a banda Titãs fez, em tom de crítica, uma performance ao vivo do hino fascista, levando o público ali presente ao delírio. Sobre isso, Alves (1995, p. 140) comenta: “Quando destaco esse fato é muito mais para constatar uma situação dúbia que a banda indica em relação aos grandes sistemas políticos-ideológicos. É a afirmação de uma ambiguidade da cultura rock”.

Neste ponto, o autor levanta uma questão importante acerca da cultura rock, sobre qual o poder de influência que um discurso pode ter sendo feito de diferentes formas, e por diferentes nomes, destacando a ambiguidade que a cultura rock carrega. O rock, neste momento de consolidação do chamado BRock, ganhou força cultural e espaço em grandes mídias, bem como influenciou a geração dos anos 1990.

Seguindo pelos anos 1990, a reestruturação do capitalismo teve grande impacto social, aumentando os problemas sociais e as tensões presentes das relações sociais. A proposta neoliberal e essa nova orientação política marcou uma reestruturação da hegemonia burguesa nas esferas sociais de maneira geral. Oliveira (2009, p. 81), ao analisar as relações do cenário político e as relações musicais desse período, observa que:

Neste contexto surgiram formas de produção cultural que interpretam/ criticam as experiências sociais individuais e coletivas, dentre os quais estão o *rap* e o *hardcore*, que mostram com clareza uma das dimensões da cultura, qual seja dialogar com o mundo em que se vive tentando dar a ele um significado, ou segundo Raymond Williams (1969, p. 305) reagir “em pensamento e em sentimento à mudança de condições por que passou a nossa vida”.

Contudo, ao longo da história, o rock se mostra presente nas questões políticas, seja ele para ilustrar um período histórico, ou para criticá-lo.

3.2 Hardcore

A revisão realizada sobre o início do *hardcore* no Brasil levantou uma série de artigos de revistas, blogs, vídeos e teses sobre o assunto, como o documentário “Botinada: a origem do punk no Brasil”, de 2006, e algumas entrevistas produzidas por canais *online*. A partir das informações obtidas nesses materiais heterogêneos, realizemos um breve panorama histórico do *hardcore*, que não pode ser compreendido sem mencionarmos as influências da cena *punk*. Segundo Yuriallis Bastos (2005, p. 302):

As influências fundamentais e primordiais que possibilitaram o surgimento do punk foram fundidas pela primeira vez em 1965, nos Estados Unidos, foi lá que o movimento teve seu batismo, e se o *punk* sempre surgiu e surge primeiramente com as bandas e com o visual (elementos culturais) para depois surgirem outros elementos culturais, políticos e ideológicos, como o *fanzine* e o antimilitarismo.

Deste modo, o punk, antes de 1976, como é conhecido pela cena inglesa, já trazia em seu contexto discussões políticas. O punk era um modo de expressão para problemas sociais, uma forma revolucionária, não seguia etiquetas estabelecidas socialmente e retratava, em sua forma mesma, a crítica política. Neste mesmo período, o punk chega ao Brasil, período que coincidiu com o final da Ditadura Civil-Militar. A forma de protesto de jovens ingleses e americanos rapidamente foi incorporada ao cenário de jovens brasileiros. A cidade de São Paulo foi uma das primeiras onde o movimento começou a ganhar força, por meio de bandas como a AI-5, que fazia crítica direta ao militarismo.

Em outros pontos, como Brasília, Bahia e Rio de Janeiro, também começam a surgir bandas que até hoje são influências no cenário do rock brasileiro. No ano de 1982, o punk ganhou maior visibilidade após o festival “O Começo do Fim do Mundo”, onde bandas como Ratos de Porão e Inocentes fizeram apresentações. Este festival foi inteiramente organizado pelas bandas, desde cartazes, divulgações e materiais fonográficos produzidos. O punk brasileiro era parte da cena independente.

No período entre final de 1970 e início dos anos 1980, nos Estados Unidos, com um número crescente de gravadoras se apropriando parte das bandas que faziam parte do circuito independente, o estilo começa a ser trabalhado de forma mais consciente, tendo maior consciência do alcance musical, e dá-se início ao então *hardcore*, estilo que pode ser considerado como um desdobramento do punk. Passados os anos 1980 e início dos anos 1990, quando outros estilos como o *grunge* dominavam a indústria fonográfica, tínhamos no Brasil banda como Raimundos e Nação Zumbi, que misturavam elementos do *hardcore* com forró e outros ritmos brasileiros.

Embora, em grandes pesquisas e documentários, as cenas comentadas do

movimento rock brasileiro sejam sempre São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, o estado do Espírito Santo detém um cenário importante de onde saíram bandas como o Dead Fish, Manimal e Pé do Lixo. A cena *hardcore* no Espírito Santo começou a ganhar corpo no ano de 1995, com o aparecimento de bandas que utilizavam o discurso da música capixaba, mas com estilo próprio⁴. A grande influência que os Estados Unidos tinham sobre toda a cena nacional fazia com que as bandas tivessem, num primeiro momento, todas as composições cantadas em língua inglesa. Após o primeiro disco do Nação Zumbi, essas bandas viram que era possível juntar elementos da cultura local e manter a identidade do rock.

4 | ANÁLISE DISCURSIVA E REINTERPRETAÇÃO

4.1 A canção “proprietários do terceiro mundo”

Começamos a análise discursiva pela letra da música Proprietários do Terceiro Mundo, composta para o álbum Afasia:

Proprietários do Terceiro Mundo – Dead Fish

Promessas eternas por cumprir e mortos demais a esperar / Sobre uma terra fértil à espera de mãos pra plantar / Mas os punhos fechados e amargos dos proprietários do 3º mundo / Beberam sangue demais pra perdoar / Mentalidade tacanha e assassina nas favelas do 3º mundo / Mortos, suicídios, chacinas somados é o que se vê

Minério, violência, especulação / Bens materiais a amar / Prédios altos que mostrarão quão grande o tombo será / Mas a ordem e progresso assassina dos educados do 3º mundo / São cegas demais pra perceber / Mas o ódio e a fome dos sem teto do 3º mundo / Justiça por caos podemos ver

Liberdade

Paz, força e coração / Vida, amor, libertação / Um desejo incontido nas cabeças do 3º mundo / Tudo isso virá se pudermos perceber / Que amar / Viver / Cantar não será em vão

Tendo em mente a estratégia apresentada, a de referência e nomeação – que basicamente organizam a nossa percepção de mundo por meio de categorizações, sendo que cada categorização traz consigo um sentido conotativo, notemos que os seguintes termos “proprietários do terceiro mundo”, “favelas do terceiro mundo”,

4 SANA, Diego. **Analisando a cena musical capixaba**. Disponível em: <<http://www.sanainside.com/arquivos-do-central-da-musica/musica-capixaba/analizando-a-cena-musical-capixaba/>>. Data do acesso: 07 de junho de 2017

“educados do terceiro mundo”, “sem teto do terceiro mundo” e “cabeças do terceiro mundo” constroem uma separação de classes socioeconômicas e, até mesmo, de domínio intelectual na sociedade. O termo “terceiro mundo” foi originado da Teorias dos Mundos, durante o período de Guerra Fria (1945-1990), em que se dividem os países pelo nível de riqueza econômica. Países classificados como “primeiro mundo” tem o desenvolvimento econômico forte e fazem parte do sistema capitalista, já os países de “terceiro mundo” são países que fazem parte do sistema capitalista, mas não estão economicamente desenvolvidos. Pensando nas categorias e sentidos conotativos utilizados nessa estratégia, pode se dividir da seguinte forma:

Poder econômico subdesenvolvido	Poder econômico avançado
<ul style="list-style-type: none"> • Favelas do terceiro mundo • Sem teto do terceiro mundo • Cabeças do terceiro mundo 	<ul style="list-style-type: none"> • Proprietários do terceiro mundo • Educados do terceiro mundo

QUADRO 2: Categorias de Nomenclatura – Proprietários do Terceiro Mundo

O termo “proprietários” refere-se a quem detêm propriedades. Logo, num país de “terceiro mundo”, quem têm propriedades detêm o capital, ou seja, o poder econômico frente a grupos denominados como “favelas” e “sem teto”. O termo “favelas” remete a um conjunto de moradias irregulares e que traz em si questões diretas de diferença social, formado por pessoas que, em sua grande maioria, não detêm poder econômico. Já o termo “sem teto” é uma referência à situação de extrema pobreza, na qual o indivíduo não tem as condições mínimas asseguradas pelo Estado, como habitação e saneamento básico. Essas oposições de grandes representações socioeconômicas também se confirmam no âmbito intelectual, em que se colocam em oposição os termos “educados” e “cabeças”. O termo “educados” é colocado de forma irônica quando se diz que “a ordem e progresso assassina dos educados do 3º mundo são cegas demais pra perceber”. Aqui, “educados” enseja a ideia de que aqueles que tiveram acesso às melhores condições de estudos não conseguem notar o risco do poder material. Há uma ruptura, portanto, entre capital intelectual e capacidade de perceber, de forma crítica e apurada, a realidade social. Para utilizar uma metáfora platônica, o “céu das ideias” não necessariamente é acessado por aqueles que comandam o país, que permanecem nas sombras refletidas nas paredes da caverna da miséria intelectual. Em contraponto à noção de “educados do terceiro mundo”, o termo “cabeças”, que faz alusão ao cérebro, considerado a parte do corpo responsável por pensar e raciocinar, evoca a ideia de racionalidade. Esta, no entanto, estaria, conforme sugere a composição, associada a um desejo incontido de mudança, e não ao conhecimento formal. Em outras

palavras: a canção estabelece, implicitamente, uma conexão entre o pensamento e o processo revolucionário, rompendo com a tradição pequeno-burguesa de restringir o alfa e ômega da humanidade – a própria razão – ao conhecimento promovido pela escola burguesa.

Em relação à estratégia, a predicativa - representações dos atores sociais através de suas ações, podemos notar que, ao longo da canção, temos as seguintes ações relacionadas ao poder econômico subdesenvolvido e ao avançado:

Poder econômico avançado	Ações associadas
<ul style="list-style-type: none"> • Proprietários do terceiro mundo • Educados do terceiro mundo 	<ul style="list-style-type: none"> • Prometer • Beber • Violentar, especular
Poder econômico subdesenvolvido	Ações associadas
<ul style="list-style-type: none"> • Sem teto do terceiro mundo • Cabeças do terceiro mundo 	<ul style="list-style-type: none"> • Clamar por justiça • Libertar, amar e viver

QUADRO 3: Ações atribuídas aos atores sociais representados – Proprietários do Terceiro Mundo

Notamos a partir da tabela acima, que as ações atribuídas às categorias são de conotações distintas. As ações relacionadas ao poder econômico avançado são manifestadas por meio de termos negativos como “promessas por cumprir”, “beberam sangue demais”, “violência” e “especulação”. Em oposição a isso, as ações atribuídas ao sistema subdesenvolvido são expressas por meio de termos como “justiça por caos”, “amar”, “libertação” e “viver”, fazendo referência a um modelo de vida justo e livre. As palavras escolhidas para referenciar as ações de diferentes categorias são claramente distintas e com sentidos claros para caracterizar, ou estereotipar, essas categorias. Frisa-se que, por exemplo, o sistema avançado é responsável e relacionado a fatores negativos para a sociedade, como aquele que explora; enquanto o sistema subdesenvolvido, ou seja, as classes que detêm menos poder aquisitivo tentam resistir a isso.

Resgatando os modos de operação da ideologia apresentados no primeiro capítulo, podemos afirmar que a letra em análise é construída por meio da legitimação, e da estratégia de universalização e da fragmentação, utilizando-se a estratégia de diferenciação. A legitimação através da universalização ocorre quando se nomeiam diferentes grupos sociais de forma única, como pertencentes ao “sem teto do terceiro mundo” ou “proprietários do terceiro mundo”. A fragmentação por diferenciação ocorre nas oposições dos termos utilizados para se referir tanto às categorias do socialismo quanto às ações associadas a elas. Contudo, o excerto

“Liberdade / Paz, força e coração / Vida, amor, libertação / Um desejo incontido nas cabeças do 3º mundo / Tudo isso virá se pudermos perceber / Que amar / Viver / Cantar não será em vão” pode ser caracterizado como potencialmente crítico ideológico, por instigar, através da legitimação, que as ações como “amar, viver e cantar” não são em vão, ou seja, esse discurso tem o poder de transformar as relações de dominação – que são apresentadas como o sistema avançado dominando o sistema subdesenvolvido, se utiliza a descrição de ações negativas para ilustrar e legitimar as ações atribuídas ao sistema subdesenvolvido.

4.2 Comparativo

Nesta seção, busco apresentar o resumo de resultados encontrados durante o processo de análise da canção. O primeiro aspecto a ser notado é a clara separação nominal entre poderes econômicos distintos. Nota-se que o poder econômico avançado e o subdesenvolvido são representados por meio de atores sociais, e esses por sua vez, são relacionados a ações. De modo geral, pode-se dizer que todas as canções são potencialmente críticas da ideologia por denunciar as relações de dominação existentes entre os sistemas econômicos. Por outro lado, as canções apresentam também potencial ideológicos quando em seu discurso reforça o posicionamento do movimento *hardcore* e do estilo *underground*. Sendo o *hardcore* uma vertente do movimento *punk*, a crítica ao sistema econômico avançado e questões sociais já é implícita não só nas composições, como na postura na mídia. No estilo *underground* ocorre o mesmo tipo de posicionamento, ao se contrapor aos modelos de “música massiva”, se posicionamento com estratégias diferentes na forma de produção e circulação – buscando afastar-se de tudo o que é considerado *mainstream*.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de estudo neste trabalho foi o discurso produzido nas canções da banda brasileira Dead Fish, que foram submetidos a uma análise de formal ou discursiva. Os aspectos socio-históricos e as questões inerentes ao processo de produção e distribuição do gênero *hardcore*, mais especificadamente do *underground*, serviram de base para a contextualização dessa análise.

Por meio do levantamento de informações, como sugere a metodologia utilizada, pudemos notar que existem tensões no campo da comunicação, música e mídia em relação ao estilo de música massiva e o estilo de música que se contrapõem a esse modelo – *mainstream* e o *underground* –, e que essas tensões não só se relacionam diretamente à mídia, como ao resultado da análise no processo comunicacional, como utilizado aqui, no processo de análise do discurso.

Feito o levantamento teórico e o levantamento do momento socio-histórico no qual as formas simbólicas em questão estão inseridas, pudemos chegar às seguintes respostas: o discurso produzido pelas canções de *hardcore* da banda Dead Fish podem ser potencialmente crítico-ideológicos, na medida em que criticam abertamente nas letras o modo de produção do sistema avançado e, com isso, ajudam a contestar e tentar minar essa forma de dominação. Porém, esse mesmo discurso pode se apresentar potencialmente ideológico quando analisado do ponto de vista do *hardcore* – estilo que integra o circuito *underground*, e que trás em si as características críticas do movimento *punk*, cuja crítica ao sistema faz parte de sua gênese. Esses discursos fortalecem a autenticidade do gênero e sua característica de “obra autêntica” frente aos produtos massivos.

Buscamos por meio de interpretação do potencial ideológico de letras de *hardcore*, criar um diálogo crítico com o campo de estudos sobre comunicação, cultura e música. Com isso, contribui preenchendo lacunas em relação aos estudos já feitos envolvendo o rock e a comunicação, uma vez que um estilo *underground* como o *hardcore* não têm sido objeto de pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Antônio Marcus. **Cultura rock e arte de massas**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk**. Caos: Revista Eletrônica de Ciência Sociais, João Pessoa, n.9. set 2005.

BATALHA, Ricardo. **AI-5: revivendo o início do punk rock no Brasil**. Disponível em: <https://www.rockarama.com.br/ai-5-revivendo-o-inicio-do-punk-rock-no-brasil/>. Acesso em: 20 de maio 2018.

DAPIEVE, Arthur. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DEAD FISH. **Bem-vindo ao Clube**. In.: ZERO E UM. Deck. 2004. 1 CD. Faixa 5 (3 min 14 seg).

_____. **Jogojogo**. In.: VITÓRIA. RedStar. 2015. 1 CD. Faixa 2 (2 min 23 seg).

_____. **Modificar**. In.: SONHO MÉDIO. Deck. 1999. 1 CD. Faixa 3 (3 min 45 seg).

_____. **Proprietários do Terceiro Mundo**. In.: AFASIA. Deck. 2000. 1 CD. Faixa 2 (2 min 27 seg).

_____. **Tupamaru**. In.: CONTRA TODOS. Deck. 2009. 1 CD. Faixa 12 (2 min 43 seg).

DIAS, Carlos. **Sobre o punk e o hardcore**: entre a rebeldia e a cooptação. Disponível em: <<http://newyeah.com.br/sobre-o-punk-e-o-hardcore-entre-rebeldia-e-cooptacao/>>. Data do acesso: 02 de junho de 2017.

HERSCHMANN, Micael; Sá, Simone; TROTTA, Felipe; Janotti Jr., Jeder. **Consolidação dos Estudos de Música, Som e Entretenimento no Brasil** In: MORAES, Osvando (org.) Ciências da Comunicação em Processo. São Paulo: Ed. Intercom, 2014, v.1, p. 404-426.

ÍNTIMO PUNK ESTRAÇALHADO. João Pessoa: anarco-punk, n.6, maio. 2002

LIMA, Rodrigo. **Tenho mais discos que amigos**. Disponível em: <<http://www.tenhoaisdiscosqueamigos.com/2016/07/13/tmdqa-entrevista-rodrigo-lima-fala-sobre-os-25-anos-do-dead-fish/>>. Data do acesso 27 de junho de 2018.

LOPES, Felipe, T. P. **“Futebol, comunicação e ideologia: uma protesto da torcida organizada da Fiel na “imprensa alternativa” e na “imprensa tradicional”**. Revista Alterjor, v. 18 n. 2.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação, uma ciência anexata e contudo rigorosa**. In: Comunicação – novo objeto, novas teorias? Teresina: EDUFPI, 2008.

MELO, André Luiz. **Teoria dos Mundos**. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/teoria-dos-mundos-primeiro-segundo-e-terceiro-mundo/>. Data do acesso 28 de maio de 2018.

MONTEIRO, Tiago José Lemos. Identidade, afeto e autenticidade a (in)validade do discurso da Ideologia do Rock no cenário contemporâneo. In: FILHO, João Freire e JUNIOR, Jeder Janotti (orgs.). **Comunicação e Música Popular Massica**. 1. ed. Salvador: Edufba, 2006

OLIVEIRA, Roberto Camargos. **Do punk ao hardcore**: elementos para uma história da música popular no Brasil. Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, vol. 3 n.1. Janeiro/Julho de 2011.

_____. **Cultura e vida social**: um olhar sobre a produção musical rap e hardcore no Brasil contemporâneo. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar, n.18. Maio/Agosto de 2009.

RAMOS, Eliana Batista. **Rock dos anos 80: a construção de uma alternativa de contestação juvenil**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

RORO, Luiza Martín. A fronteira interior – análise do discurso: um exemplo sobre “racismo”. In: IÑIGUEZ, Lupicinio (coord). **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANA, Diego. **Analisando a cena musical capixaba**. Disponível em: <<http://www.sanainside.com/arquivos-do-central-da-musica/musica-capixaba/analizando-a-cena-musical-capixaba/>>. Data do acesso: 07 de junho de 2017.

SILVA, Paulo Celso da e SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Em busca de um conceito de comunicação**. Disponível em: < <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/>

view/470/271>. Data do acesso: 10 de agosto de 2018.

SPINK, Mary Jane [et al.]. **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro/RJ, 2014.

_____. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Edição Virtual. Rio de Janeiro/RJ: Editora Cortez, 2004.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria Social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agência Brasil 3, 4

B

Big data 116, 117, 122, 124, 125, 127, 128

C

Ciberativismo 129

Cibercultura 116, 117, 119, 121, 126, 127, 128, 155, 157, 158, 159, 160, 171, 172, 173

Comunicação 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 74, 75, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 131, 133, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 179, 180, 185, 187, 192, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 213, 214, 215, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 245, 246, 247, 248, 249, 256, 257, 259

Comunicação organizacional 116, 117

Comunicação política 1, 98

Comunicação pública 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17

Comunicação social 3, 9, 11, 13, 14, 31, 32, 33, 36, 39, 40, 42, 44, 140, 161, 171, 185, 199, 225, 259

Comunicação ubíqua 157, 173

Cristiano Araújo 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 197, 198

Culturas populares 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94

D

Documentário audiovisual 32, 33, 35, 37, 38, 40, 42, 43, 46

E

Educação superior 200, 209, 210

Empresa Brasil de comunicação 1, 2, 3, 4, 5, 15, 16

Engajamento 200, 202, 203, 208, 209, 210, 212, 233

Erfahrung 75, 76, 81, 82, 85

Erlebnis 75, 76, 81, 82, 85

Estéticas da comunicação 2

Estéticas da comunicação no Brasil 2

Estratégia 16, 104, 109, 110, 111, 166, 188, 193, 198, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236

Estratégias de comunicação 23, 117, 158, 167, 171

Estudo de recepção 18, 24

Extra 9, 148, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 197

F

Fake News 227, 228

Feminismo 129, 131, 134, 241

H

HQ's 129, 133, 135

I

Interacionismo 32, 33, 39, 44, 63

J

Jornalismo 4, 9, 19, 20, 30, 31, 37, 49, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 144, 186, 213, 252, 259

L

Linguística aplicada 32, 33, 39, 42, 46

M

marketing digital 227, 228, 229, 231

Marketing eleitoral 227, 228, 229, 230, 234

Memes de internet 200, 202, 203, 207, 208, 210, 212

Memória 16, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 93, 148, 154, 175, 176, 177, 182, 184

Mídia e política 147

Migrantes e refugiados venezuelanos 47, 48, 52, 54, 56

Música sertaneja 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 186, 193, 195

N

Narrativa noticiosa 59

Noticiabilidade 59, 60, 63, 64, 69, 72, 186, 197

O

O Globo 141, 179, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 197

P

Pierre Bourdieu 186, 187, 192, 197, 199

Política 1, 8, 9, 66, 74, 79, 85, 95, 98, 105, 106, 107, 108, 140, 145, 147, 175, 176, 177, 179, 181, 185, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 227, 228, 229, 231, 233, 244, 245, 251

Produção audiovisual 32, 33, 36

Publicidade 6, 65, 140, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 232

R

Rádio MEC FM 4

Representação de gênero 226

S

Semiosfera 175, 176, 177, 181, 185

Sexismo 129

Sociodiscursivo 32, 33, 39, 44

T

Tecnologias 2, 60, 71, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 145, 146, 150, 155, 161, 162, 163, 173, 185, 195, 201, 206, 207, 208, 214, 238, 247, 248, 249, 256, 257

Televisão 4, 10, 19, 20, 28, 62, 76, 92, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 179, 187, 189, 190, 199, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 226, 229, 238

Transmídia 142, 143, 151, 152, 153

TV Brasil 3, 5, 7, 8, 9, 13, 17

TV NBR 4

W

Walter Benjamin 75, 79, 80, 176, 177, 196

Wim Wenders 75, 76, 77, 78, 86

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 